

Silvânia Cerqueira

Educadora por convivência política, performer e estudante do 7º semestre do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal da Bahia, onde atua como bolsista no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), e também no Programa Residência Pedagógica. Fundadora do Coletivo Ventre Livre (2017), no qual desenvolve pesquisas e performance com temas antirracista e de gênero.

Contato: <sil-17@hotmail.com>

## SAINDO DA COXIA, JOGANDO NO QUILOMBO URBANO: CURVAS E RITOS DO RE-EXISTIR

O traço gráfico apresentado neste relato é parte das atividades realizadas no Programa Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no qual atuei na condição de estudante do curso de licenciatura em Teatro enquanto bolsista no período de 2018 a 2019. Durante esse tempo tive a oportunidade de adequar jogos teatrais, mais especificamente em exercícios de musicalização, pensando uma adequação antirracista dos jogos teatrais como estratégia para trabalhar os conteúdos previstos na Lei 11.645/08, a qual se refere ao ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, pressupondo, assim, a escola enquanto terreno para germinar reflexões sobre a importância de se desvincular de práticas colonialistas através do que chamei de ciranda do re-existir, pensando nos reflexos da atuação docente e no fazer pesquisa estando e sendo “objeto”.

### QUARENTA MINUTOS CRUZANDO AFETOS, DESCIDAS DE VIELAS, EMBARQUES E DESEMBARQUES PARA FAZER A RODA GIRAR

A ciranda da re-existência é um convite para juntos dançamos a gira ancestral. São registros das vivências realizadas em escolas públicas da cidade de Salvador e ações desenvolvidas em projetos de extensão da Universidade Federal da Bahia, experiências assustadoras para um corpo afetado pela diáspora contemporânea — expressão usada para explicitar a reconfiguração do êxodo que acontece da periferia para a universidade, do interior do estado para os grandes centros; recriando espaços-temporais de re-existência, pois vivenciamos uma ausência de políticas educacionais igualitárias, perpetuando um sistema desigual.

Sair da cidade de Valente, situada no Território do Sisal, região do semiárido baiano e chegar a uma escola pública, bem diferente da que um dia estudei, foi um momento de descobertas e compreensão das fronteiras inexistentes entre os corpos. Fui fisgada por potências em território estrangeiro, dinâmica semelhante ao rio correndo no seu tempo/mundo. Percebi que não importa o lugar onde você esteja, será apenas mais uma mulher negra, mais um corpo entre outros corpos não passíveis ao luto, vidas precárias que lotam salas de aulas feitas para condicioná-los ao confinamento, uma necropolítica escolar.

Perceber a minha narrativa convergindo com a narrativa dos educandos que cruzei e dancei na ciranda do re-existir, trouxe para a minha formação acadêmica novas aprendizagens. Cada negação, cada cadeira colocada no cantinho da sala em busca por espaço para jogar e apreender o mundo incitou o desejo de registrar as nossas aprendizagens, cruzando metodologias e jogos teatrais para recriar um meio de resistências sem mumificações — preservação de uma cultura euro-ocidental — da cultura afro-brasileira. Fui aos poucos entendendo que a beleza da vida do processo formativo está nos desafios lançados e na maneira que o enfrentamos. Confesso que ainda estou regando e arando o terreno, ainda não

sei como definir quais são os meus aprimoramentos. Sei que estou preparando uma colheita, mas ainda não tenho certezas. Acredito que o projeto vai contribuir bastante para a minha formação e atuação como docente no futuro.

Encaro a residência como um divisor de águas de “*desendurecimento*”, neologismo para explicitar o quanto as observações acionaram minha sensibilidade e despertaram o meu interesse por uma pedagogia do teatro antirracista.

Já de início a chegada à escola foi muito complicada por causa da sua localização e a confusão de nomes. A Escola Municipal Osvaldo Gordilho é confundida com outra estadual com mesmo nome, por ser desconhecida pela comunidade. Problema solucionado, uma vez acertado o caminho, não houve desvios, muito menos desencontros.

Tirando os acertos e erros da localização da unidade escolar, senti um estranhamento, pois não acompanhei o processo de criação das mostras didáticas desde o início, a qual se deu por meio da sequência didática desenvolvida pelo professor Antônio Ferreira de Souza e a coordenação pedagógica da escola durante o ano letivo, visto que cheguei na instituição no final do ano letivo, durante a finalização da semana literária. Todas as turmas estavam empenhadas no ensaio da mostra. Assumindo a posição de observadora, e mesmo cheia de dúvidas, entendi a importância de se colocar nesse lugar, afastando-se de análises antropológicas.

Embora a insegurança norteasse a prática, busquei durante o processo refletir sobre os caminhos escolhidos para seguir. Estar em casa (escola) era satisfatório, mas o retorno à condição de discente, no turno oposto, era angustiante. O conteúdo e a prática apresentavam dissonâncias. Eu me via numa sala estudando temas distantes da realidade de meus curumins, com os quais jogava sem dissimulações. Estávamos em casa na ciranda re-existindo durante um ano, sempre às terças-feiras pela manhã, em uma sala apertada sem ventilação, dançando e saudando a grande mãe com as técnicas de Dança Silvestre<sup>1</sup>. Encontros que trouxeram para minha prática docente uma nova perspectiva.

Sair do cânone acadêmico para apreender no chão da escola o “estar educador” é êxodo necessário à vida de todo sujeito licenciando, pois ao pisar no chão da prática, cheios de teorias, encontramos mundos de pessoas. Cada educando era um mundo, e nesses mundos fui fisgada pela “curiosidade epistêmica” (FREIRE, 2017, p. 27), por meio da qual busquei dialeticamente realizar as aulas de teatro e perceber o quanto aprenderia nas viagens longas para São Cristóvão através da escuta sensível do processo de “aprendências”, realizado todas as manhãs, de “saberes socialmente construídos na prática comunitária” (FREIRE, 2017, p. 31).

Apesar de ter experienciado o PIBID (Programa de Iniciação à Docência), o que permitiu o primeiro

<sup>1</sup> Técnica criada por Rosângela Silvestre, bailarina pesquisadora de dança que introduziu a sua prática e experimentações diversas expressões de dança contemporânea, folclórica e danças tradicionais de África e outros continentes, trazendo também leituras de cantos africanos e indígenas.

contato com a rede pública de ensino na cidade de Salvador, o Programa Residência Pedagógica provocou olhar para a cidade, ocasionando a percepção de que existem escolas públicas que carregam características de uma cultura escolar local. Mesmo consciente das estruturas que encontraria, acreditei que após dois anos as coisas teriam mudado.

Eu desejava uma escola que tivesse um pátio, desejava não mais adaptar jogos e ficar brigando com a pedagogia do teatro que apresenta jogos nos quais o número de participantes e o espaço habitam outra realidade bem diferente da que encontramos. Somos obrigados a dialogar nossa prática com a estrutura escolar, a qual às vezes pode estar localizada em um não lugar — uso essa expressão para explicitar a confusão em localizar a escola e a própria comunidade não saber informar sobre a localização. Trata-se de um não lugar porque é uma parte da cidade que a mídia desconhece e as propagandas da gestão política do município não mostram.

### **PEGA, METRÔ, ESTAÇÃO MUSSURUNGA, PEGA BUSU, PERGUNTA A DONA, A DONA NÃO SABE, FICAMOS PERDIDOS**

No início, a distância da escola evocava o desânimo, no entanto, as viagens começaram a ser um momento de autoavaliação e reflexão. Diversas vezes voltei com as vozes dos meus curumins ecoando e misturando a teoria lida, com as visões de mundo. Comecei a acreditar na possibilidade de fissurar a “outricidade” resultante dos processos de colonização, tecendo caminhos antirracistas, como expõe bell hooks ao mostrar os efeitos de uma cultura da branquitude que ainda perpetua: “podemos ver a necessidade de um tipo de educação para consciência crítica que pode capacitar quem dispõe do poder do privilégio baseados nas estruturas de dominação” (hooks, 2019, p. 53).

Perceber os discursos que perpassam a ideia da construção desse outro é também compreender tais enunciados e buscar caminhos para pensar aulas de teatro ancoradas numa pedagogia na qual o colonizado seja o questionador (FANON, 1968), e assim, traçar caminhos de criação cênica afrocêntrica, descolonizando os currículos. Um deles pode ser pensar a infância através do olhar iorubano, o qual afirma que “educar uma criança é tarefa da aldeia”. Pensar a escola e a Academia como parte dessa aldeia e “aprendências” tornou-se fundamental. Como afirma Freire: “O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo” (2017, p. 55).

Através das inquietações emergidas com as leituras durante os jogos teatrais realizamos a nossa mostra didática a partir de uma adaptação do conto “Porque o sol e a lua foram morar no céu” (BRAZ, 2008, p. 8-11) e o resultado se deu através da colagem das atividades desenvolvidas, leitura de textos, exibição de vídeos, jogos teatrais, musicalização e dança.

Durante os meses de atuação no programa fui contaminada com questões acerca do fazer pesquisa: perguntas sobre a relação sujeito/objeto, epistemologias do fazer pesquisa apreendidas com as teorias de matriz ocidental, e com isso, diversas vezes no término da aula desejei saber “o que fica ao final

de uma pesquisa?”

Saio da experiência com a vontade de abandonar a antiga prática epistêmica de fazer pesquisa. A Academia precisa entender que não existe sujeito/objeto, campo de pesquisa, pesquisa-ação, quando os envolvidos, pesquisador e pesquisado, pertencem ao mesmo conjunto de categorias analíticas. A universidade se acostumou à prática branca, e aí nasceu o problema. Não somos mais os pesquisados, muito menos desejamos fazer pesquisa, nosso desejo é apenas entendermos nossas dores e juntos traçarmos estratégias de conviver com a produção científica, produzida de dentro pra fora. O caminho é inverso.

Entendi a inversão no último dia. Eu, a preta cis-mada vinda do sertão da Bahia, muitas vezes busquei atender um modelo distante do meu contexto, organizei tabelinhas com planos de aulas, os quais o educando redesenhava e mostrava os possíveis caminhos, escreviam de maneira pulsante com o corpo. Percebi a emergência de uma pedagogia participativa e ficou a angústia de um curso com o currículo colonizador, em controvérsia com uma sala de aula descolonizada, ainda que cheia de carências misturadas a uma maturidade forçada, coisas do universo adulto em corpos ainda catalogando suas sinapses.

Fiquei a pensar sobre o que fica e notei que não cabe no relatório. Seria reduzir os mundos que enxerguei em apenas um: aquele que eu vi. Prefiro os cheiros e barulhos, incertezas, menos técnicas e resultados maniqueístas ou dicotomias. Prefiro enxergar o “todo”. Não há suspensão e muito menos categorias. Cada som, cada texto, cada recusa em participar das aulas formam a comunidade na qual fui aceita: o 4º ano A.

Levo para as próximas práticas a importância de uma escuta sensível, quesito com o qual tenho que aprender e maturar pensando nas distinções de lugares. Carrego também a certeza na multiplicidade de escolas públicas. Há desigualdade dentro da desigualdade, ainda assim é preciso cotidianamente pensarmos metodologias antirracistas, evocando a história de nossos povos originários. O nosso Quilombo Urbano é a educação básica. Precisamos voltar para casa e subverter a lógica, levar a pesquisa para as comunidades, ação divergente de ir à comunidade pesquisar.

A ideia da proposta desenvolvida no projeto era entender os lugares-tempo da pesquisa partindo de um olhar sem hierarquias e categorias de sujeitos, pois é preciso entender a emergência de escrevermos nossas re-existências. Afinal, nos deram lápis e papel, aprendemos a língua do branco, não para repetirmos feito papagaios, mas aprendemos porque compreendemos a importância da linguagem, e agora falamos com nossos corpos, nossa música, sem forma, sem tempo marcado, apenas apreendemos os mundos.

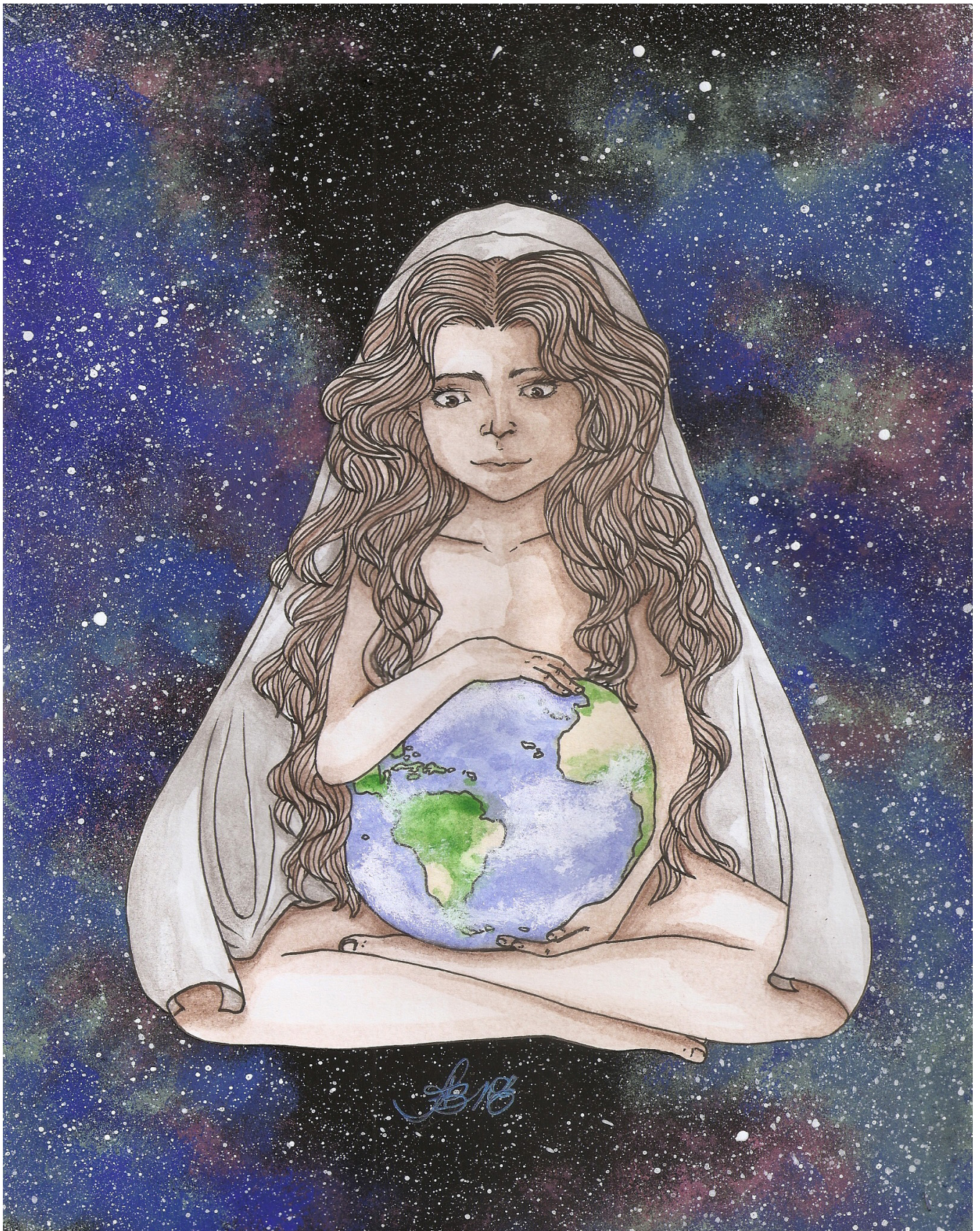
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAZ, Júlio Emílio. (2008). *Sukulume e outros contos africanos*. Adaptação de Júlio Emílio Braz. Rio de Janeiro, 2.ª Ed., Pallas.

HOOKS, Bell. (2019). *Olhares negros raça e representação*. São Paulo, Editora Elefante.

FANON, Frantz. (1968). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.

FREIRE, Paulo. (2017). *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessários à prática educativa*. 55ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz&Terra.



RECEBIDO EM 16 DE MARÇO DE 2020  
APROVADO EM 26 DE MAIO DE 2020